

DOSSIÊ:

BENJAMIN E A EDUCAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Um artigo intitulado *A pedagogia na época de sua reprodutibilidade técnica*, de 2012, publicado no blog Cyberlibris¹, evocava a hipótese renovadora de Benjamin a respeito da arte (hipótese essa que, afinal, talvez envolvesse uma ‘questão simples’ – ‘o que distingue, *in fine*, um original de suas cópias?’), para lançar novas luzes sobre um problema talvez assemelhado, a marcar o campo pedagógico contemporâneo.

Nesse sentido, como aponta ainda o mesmo artigo, a epígrafe do célebre texto benjaminiano, retirada de Paul Valéry -

Nossas Belas-Artes foram instituídas, e seus tipos assim como seus usos fixados, em um tempo bem distinto do nosso, por homens cujo poder sobre as coisas era insignificante perto daquele que possuímos. ... Há em todas as artes uma parte física que não pode ser vista nem tratada como antes, que não pode mais ser subtraída às iniciativas do conhecimento e da potência moderna... Espera-se que tão grandes novidades transformem toda a técnica das artes, agindo, por isso, sobre a própria invenção, e cheguem talvez até a modificar, maravilhosamente, a noção mesma da arte²

- irá ecoar, muito claramente, em uma formulação recente, de Michel Serres, sobre a experiência pedagógica contemporânea: “*A própria sala de aula, longe de desaparecer, está em vias de se conectar com as redes e de se reestruturar em um modelo aberto e participativo. Antes ela era formatada pelo modelo da página do livro: o professor estava, diante de sua classe, em posição de autor, como aquele que sabe e que transmite àqueles que não sabem. Hoje, esse modelo ruí*”³.⁵

Ou seja, verificaríamos uma mesma perda da ‘aura’, um mesmo afastamento da experiência de primeira mão, como marca maior, ou ao menos como um traço essencial também da aula e da escola contemporâneas. O professor não é mais um ‘original’, não apresenta um saber só seu, a ser então compartilhado, e apenas ali, na sala de aula, com aqueles que lhe assistem. Isso, decerto, leva a pensar sobre qual a natureza ainda da experiência escolar. Se não mais original, por que ainda a escola, a presença disseminada, universal da sala de aula?

Parece-nos que, assim como em relação à arte e à obra de arte, esse será como que o fundo crítico, mais geral, em relação ao qual se construirá a hipótese ‘benjaminiana’ envolvendo a pedagogia contemporânea. Ainda que não problematizada diretamente por Benjamin (o que no fundo pouca diferença faz...), talvez possamos tomar essa atualização ou reorientação da tese estética original, como o eixo problemático que organizaria os aspectos vários de uma possível contribuição de Benjamin à pedagogia. Nesse caso, a perda da aura assim como não elimina, obviamente, a arte, tampouco tem tal alcance sobre a escola e a sala de aula. E a potência crítica da perspectiva benjaminiana encontra, assim, a sua força criativa na maneira como ele próprio, ou os seus intérpretes presentes, farão dialogar os mais diversos temas com o campo educacional. Dentre esses, as imagens, o jogo, a história, a arte e a estética, as classes em luta e, sobretudo, é claro, a infância.

Foi em busca de um quadro assim pujante, talhado sobre a diversidade de todos esses temas e conceitos, que se pensou e se construiu esse número sobre Benjamin e a Educação. O conjunto dos artigos do **Dossiê Benjamin e a Educação** ensejam um passeio em torno da filosofia de Benjamin ao apresentar alguns aspectos e problemas que perpassam suas reflexões em torno da educação, da escola, da infância e da juventude, e suas relações com a memória, a linguagem, a verdade, a política e a história.

No artigo **Linguagem e verdade em Walter Benjamin: pensando as tensões do nosso tempo**, Martha D’Angelo analisa a relação entre linguagem e verdade salientando sua reflexão sobre a natureza do saber filosófico, a crítica às teorias epistemológicas e a gênese da linguagem considerada como dimensão mimética.

No artigo **Caminhos insuspeitados da educação**, Sônia Campaner Miguel Ferrari segue o itinerário dos escritos de Benjamin sobre a educação na estética e na política a partir da relação entre o barroco e a política moderna.

No artigo **História, política e educação a partir dos escritos de Walter Benjamin**, a autora Anita Helena Schlesener discorre sobre o processo educativo e sua relação com a luta de classes.

Em **Transmissão de experiências: o livro ou a sabedoria?**, Marcela Oliveira analisa o conceito de “experiência” e sua permuta pela noção de “vivência” revelando uma passagem do coletivo para o individual.

No artigo **Reformar a escola para reforma a vida: Walter Benjamin, formação e juventude**, Márcio Jarek parte da juventude do filósofo para analisar a influência da proposta pedagógica que busca « reformar a vida » articulando a escola à cultura juvenil.

O ensaio **Infância, brincar e memória de infância em Walter Benjamin: categorias de estudo passíveis de associação à formação e à prática docente ligadas à infância no contexto contemporâneo**, Claudia Ximenez Alves apresenta as reflexões do filósofo sobre a educação e o brincar.

No ensaio **Infância em Walter Benjamin: descaminho do pensar**, Maria do Carmo Morales Pinheiro problematiza a infância no contexto benjaminiano como “signo de descontinuidade” e sua importância no campo da experiência e da linguagem.

E para concluir, no texto **Educação para o tempo presente: experiência da juventude em Benjamin**, Pedro Duarte propõe investigar a relação entre educação e produção juvenil e sua visão descontínua da história.

*Leonardo Maia
Zamara Araujo*

¹ Disponível em <https://cyberlibris.typepad.com/blog/2013/07/mooc-la-pédagogie-à-lheure-de-sa-reproductibilité-technique.html>. Consultado em 5/12/2018.

² VALÉRY, Paul. **La conquête de l'ubiquité**, Pièces sur l'art. Paris, 1934, p. 103-104 (republicado na Bibliothèque de la Pléiade: VALÉRY, Paul. **Oeuvres complètes**, Tome II, 1960, p. 1284).

³ Conferir o diálogo entre Michel Serres e Bernard Stiegler em: <https://www.youtube.com/watch?v=iREkxNVtbQ>.